



## **EFEITO DE ROÇAGENS SOBRE O DESEMPENHO FORRAGEIRO DE AZEVÉM ANUAL GUAXO**

BARCELOS, Gabriel Pagnussatt<sup>1</sup>; BONETTI, Luiz Pedro<sup>2</sup>; SILVEIRA, Diógenes Cecchin<sup>3</sup>

**Palavras-Chave:** *Lolium multiflorum*. Desfolhação mecânica. Roçada.

### **Introdução**

Muitos produtores consideram o emprego da roçada como estratégia de manejo de pastagens, por isso, Lima (2018) destaca alguns pontos que se deve levar em conta para a utilização dessa prática: a roçada deve ser feita imediatamente à saída do gado do piquete, pois imediatamente após a bocada da vaca, este pasto inicia uma série de mobilizações de reserva para o rebrote; a roçada é uma ferramenta de manutenção de pasto jovem, não de renovação de pasto; a altura da roçada deve ser de 10 a 15 cm, pois os pontos de crescimento e energia utilizada no rebrote encontram-se desta altura para baixo. O mesmo autor destaca ainda, a aplicação de ureia imediatamente após a roçada, pois a absorção de N é feita pela raiz e é fundamental para reconstrução de tecido foliar.

As vantagens e desvantagens de se usar o corte mecânico ou roçada, como simulação do pastejo, foram citadas por Jameson (1962), onde observou as seguintes limitações do corte mecânico: os animais puxam e quebram as plantas em alturas variáveis; a preferência dos animais por uma espécie não é considerada; não há efeito do pisoteio; e a acumulação de matéria orgânica é diferente daquela sob pastejo.

A roçada, quando usada em época oportuna e com manejo e lotações adequadas, é uma maneira econômica e eficiente de melhorar a pastagem. O uso do método mecânico (roçadeira) propicia rebrotes mais tenros e menos fibrosos, além de diminuir a competição entre espécies de porte alto (arbustivas) e baixo (gramíneas e leguminosas), permitindo maior desenvolvimento daquelas de melhor qualidade (NABINGER, 1980). A médio e longo prazo, a prática de roçadas duplica a produção de matéria seca da forragem verde e têm sido utilizadas em inúmeros estudos simulando o pastejo. Entre as espécies utilizadas para a formação de pastagens no Rio Grande do Sul, o azevém tem tido ampla aceitação pelos

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Agronomia, UNICRUZ, E-mail: gabryelbarcelos@hotmail.com.

<sup>2</sup> Engº Agrº, MSc. Professor do curso de Agronomia, UNICRUZ. E-mail: lbonetti@unicruz.edu.br.

<sup>3</sup> Engº Agrº, mestrando no PPGAgro - UPF. E-mail: diogenessilveira@hotmail.com.



produtores pela boa adaptação que tem apresentado no Estado. O azevém é originário da região mediterrânea (Europa, Ásia, Norte da África), depois chegou e foi selecionado na Itália, América e Austrália (MONTEIRO et al., 1996). É uma gramínea anual de ciclo hibernal, cespitosa, que possui folhas finas e tenras, podendo atingir 1,2 metros de altura. É uma planta rústica e agressiva que perfilha abundantemente, devido esta característica, é umas das gramíneas hibernais mais utilizadas no Rio Grande do Sul, tanto para pastagens como para corte (PUPO, 2002).

Diante do exposto, o objetivo do presente projeto de pesquisa foi promover a avaliação do efeito de roçagens sobre o desempenho forragístico de azevém desenvolvido a partir de ressemeadura natural em sucessão ao cultivo da soja.

### **Material e métodos**

O experimento foi conduzido na Área Experimental do Curso de Agronomia da Universidade de Cruz Alta, nas coordenadas 28°33'47,09'' de latitude Sul e longitude de 53°37'22,49''W, com uma altitude de 450m, em solo classificado como Latossolo Vermelho Distrófico. O delineamento experimental foi de Blocos ao Acaso, com quatro repetições, contendo parcelas de 60m<sup>2</sup>, nas quais foram realizadas quatro amostragens de um quadrado de 0,25 m<sup>2</sup>, antecedendo cada corte, fazendo-se o corte rente ao solo. Estas amostras serviram para determinar-se a produção de matéria seca (MS), após secagem em estufa a aproximadamente 65°C. Foram estabelecidos os seguintes tratamentos: 1 – ausência de roçada e de suplementação de Nitrogênio; 2 – ausência de roçada e suplementação de N com 100kg de Uréia; 3 – ausência de roçada e suplementação de N com 200kg de Uréia; 4 – roçada com 20cm de altura e suplementação de N com 100kg de Uréia; 5 – roçada com 20cm de altura e suplementação de N com 200kg de Uréia; 6 – roçada com 10cm de altura e suplementação de N com 100kg de Uréia; e 7 – roçada com 10cm de altura e suplementação de N com 200kg de Uréia. Para a realização dos cortes mecânicos foi utilizada uma roçadeira marca Triton, tracionada por trator e regulada para as duas alturas de corte, 10 e 20cm, respectivamente. Em cada tratamento foram utilizados como parâmetros de avaliação do desempenho forrageiro as determinações de Massa Seca (g), Altura Média de Plantas (cm) e Relação Folha/Colmo (g).



## Resultados e discussão

Os resultados obtidos no experimento constante deste projeto, encontram-se detalhados na Tabela 1, onde observa-se que não houve diferenças estatisticamente significativas de produção média de massa seca (MS) entre os tratamentos testados. Nos dados de altura média de plantas (AP), ocorreram diferenças significativas, sendo que os tratamentos dois e três, mostraram-se superiores aos demais. O segundo grupo estatístico ficou constituído pelos tratamentos um e quatro nesta variável. O outro grupo estatístico, contendo as plantas de menor estatura, foi formado pelos tratamentos cinco, seis e sete. No que diz respeito à relação folha/colmo os tratamentos cinco, seis e sete se destacaram superiores aos demais, indicando possivelmente que as roçagens seguidas com a suplementação com nitrogênio possam ter contribuído para este desempenho, excetuando-se, para este caso, o resultado obtido pelo tratamento quatro. Alguns autores destacam que a relação/colmo é uma variável de grande importância para a avaliação de qualidade das forrageiras, já que, relação/colmo elevada indica melhor adaptação a pastejo e a cortes, alta digestibilidade e consumo, e maior valor nutritivo (WILSON & t'MANNETJE, 1978; VAN SOEST, 1994).

Tabela 1- Produção de matéria verde (MV), matéria seca (MS), altura de planta (AP) e relação folha:colmo em azevém de ressemeadura natural. Cruz Alta, 2018.

Tratamento	MS (kg/ha <sup>-1</sup> )	AP (cm)	Relação F/C (g)
1	3800,80a	73,66b	0,28b
2	5141,33a	91,42a	0,22b
3	5179,31a	89,40a	0,25b
4	4118,80a	80,20b	0,31b
5	5223,73a	57,50c	0,68a
6	3542,13a	61,00c	0,79a
7	4074,93a	62,15c	0,83a
C.V. (%)	36,45	4,12	19,95

\*Médias seguidas pela mesma letra, maiúscula na linha e minúscula na coluna, em cada momento de avaliação, não diferem significativamente pelo teste de Tukey, a 5% de probabilidade de erro.



## Considerações finais

Nas condições em que foi realizado este experimento pode-se concluir que estatisticamente não houve diferenças significativas entre os tratamentos, porém o tratamento 5 com roçada a 20cm de altura e suplementação de N com 200kg de Uréia apresentou maior desempenho forrageiro (5223,73 de MS/kg/ha<sup>-1</sup>).

## Referências

BONETTI, L.P. & SCHENARDIE, T. Adubação nitrogenada em pastagem deazevém com ressemeadura natural. **Anais... XIII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, XI Mostra de Iniciação Científica, VI Mostra de Extensão e III Feira das Profissões.** Cruz Alta, RS, 10 a 12 de novembro de 2009. Cruz Alta:UNICRUZ, 2009.

JAMESON, D. A. **Evaluation of the responses of individual plants to Grazing.** USDA. Wisc. Pub. 940.1962.

LIMA, L.O.C.de. **Roçada: Ferramenta indispensável em pastagem de qualidade.** Disponível em: [www.cotrijui.coop.br:8080/pg\\_noticias/noticias](http://www.cotrijui.coop.br:8080/pg_noticias/noticias). Acessado em: 24 junho 2018.

MONTEIRO, A. L. G.; MORAES, A.; CORRÊA, E. A. S. Forragicultura no Paraná. Londrina-PR: Comissão Paranaense de Avaliação de Forrageiras CPAF, p. 231 a 235, 1996.

NABINGER, C. Técnicas de melhoramento de pastagens naturais no Rio Grande do Sul. In: SEMINÁRIO SOBRE PASTAGENS – “DE QUE PASTAGEM NECESSITAMOS?”. 1980. Porto Alegre, **Anais...Porto Alegre: Farsul.** 1980. p.28-58.

PUPO, N. I. H. **Manual de pastagens e forrageiras: formacao, conservacao e utilizacao.** Campinas: InstitutoCampineiro de Ensino Agrícola, 1987. 343 p.

VAN SOEST, P.J. 1994. **Nutritional ecology of the ruminant.**2nd ed. Cornell University Press, Ithaca, NY.

WILSON, J.R.; t'MANNETJE, L. Senescence, digestibility and carbohydrate content of buffel gran and green panic leaves inswards. **Australian Journal Agricultural Research**, v.29,p.503-519, 1978.